



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS

CARLA MARYANNE REIS DOS SANTOS

**MAL-ESTAR E EPIFANIA NOS CONTOS *AMOR, O BÚFALO E*
PERDOANDO DEUS, DE CLARICE LISPECTOR**

BRASÍLIA - DF
2022

CARLA MARYANNE REIS DOS SANTOS

**MAL-ESTAR E EPIFANIA NOS CONTOS *AMOR, O BÚFALO E
PERDOANDO DEUS*, DE CLARICE LISPECTOR**

Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e Respectiva Literatura, do Instituto de Letras (IL), da Universidade de Brasília (UnB), como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Gislene Maria Barral Lima Felipe da Silva

BRASÍLIA - DF
2022

Mal-estar e epifania nos contos *Amor, O búfalo e Perdoando Deus*, de Clarice Lispector

Carla Maryanne Reis dos Santos

RESUMO

Este trabalho analisa como o sentimento de mal-estar presente nos contos *Amor, O búfalo e Perdoando Deus*, da escritora Clarice Lispector, é construído pela linguagem literária como um signo da vida contemporânea. Ao identificar, nas ações e reações das personagens desses contos, os conflitos que geram o sentimento de desconforto próprio da existência moderna, verificou-se que a estetização desses conflitos se vale de estratégias discursivas autorais, principalmente de uma relação dialética apoiada nos sentimentos de mal-estar e de epifania. A pesquisa foi desenvolvida com base na leitura crítica e análise dos contos citados, no estudo de referências críticas sobre a obra da escritora Clarice, bem como sobre os conceitos teóricos acerca do mal-estar propostos por Sigmund Freud e por Zygmunt Bauman e reflexões em torno do processo de epifania propiciadas pelas ideias de James Joyce, na Literatura, e de Friedrich Wilhelm Nietzsche, na Filosofia. A fim de compreender como a construção linguística relaciona o sentimento de mal-estar com o processo de epifania, vivenciados pelas personagens dos contos, foram elaborados dois quadros que expõem palavras e frases que remetem a esses conteúdos, dando a compreender como o campo semântico abarca, na criação literária, ideias da Psicanálise e da Filosofia. Ideias essas que representam o ser humano moderno, fragmentado e em meio a esse conflito entre desempenhar uma vida vibrante e ardente, ou ser civilizado e resignado. As personagens clariceanas revelam essa crise do ser humano contemporâneo e podem ser relacionadas ao que Bauman afirma ao pensar a sociedade contemporânea como inseparável do sentimento de mal-estar.

Palavras-chave: Mal-estar; Epifania; Clarice Lispector; Contos; Linguagem; Contemporaneidade.

ABSTRACT

This work analyzes how the feeling of malaise present in the short stories *Amor, O búfalo* and *Perdoando Deus*, written by Clarice Lispector, is constructed by the literary language as a sign of contemporary life. By identifying the conflicts that generate the feeling of discomfort typical of modern existence in the actions and reactions of the characters in these tales, it was found that the aestheticization of these conflicts makes use of authorial discursive strategies, mainly on a dialectical relationship supported by feelings of malaise and of epiphany. The research was developed based on the critical reading and analysis of the cited tales, on the study of critical references on the work of the writer Clarice, as well as on the theoretical concepts about the malaise proposed by Sigmund Freud and by Zygmunt Bauman and reflections around of the epiphany process provided by the ideas of James Joyce, in Literature, and of Friedrich Wilhelm Nietzsche, in Philosophy. In order to understand the construction of language that relates the feeling of malaise with the process of epiphany, experienced by the characters of the stories, two tables were prepared that expose words and phrases that refer to these contents, giving an understanding of how the semantic field encompasses, in literary creation, ideas from Psychoanalysis and Philosophy. These ideas represent the modern human being, fragmented and in the midst of this conflict between living a vibrant and ardent life, or being civilized and resigned. Clarice's characters reveal this crisis of the contemporary human being and can be related to what Bauman says when he thinks of contemporary society as inseparable from the feeling of malaise.

Keywords: Malaise; Epiphany; Clarice Lispector; Tales; Language; Contemporaneity.

Introdução

O sentimento de mal-estar é parte da experiência humana e, como tal, também está presente na Literatura. É possível identificá-lo em diversas expressões artísticas, sendo que aqui o mal-estar será analisado nos contos *Amor*, *O búfalo* e *Perdoando Deus*, da escritora Clarice Lispector. Relacionando-os aos conceitos de mal-estar propostos pelo psicanalista Sigmund Freud na *Psicanálise* e pelo sociólogo e filósofo Zygmunt Bauman na *Filosofia*, busca-se compreender a importância desse elemento na estruturação do estranhamento como uma marca da contemporaneidade.

Freud (2011) aponta que a agressividade é intrínseca à condição humana, pois essa força destrutiva está presente em todo ser humano, mas em oposição a essa força está a civilização. Os indivíduos não podem realizar os seus desejos mais profundos na vida social, pois esses desejos são antissociais, ou seja, são nocivos para a vida em coletividade e se liberados, poderiam resultar no fim da mesma. Desse entendimento surge a necessidade de preservação da estrutura social por meio de um movimento civilizatório que evite a barbárie. Um dos efeitos colaterais desse modelo social é a repressão dos membros desta sociedade, que são orientados a recalcar seus anseios, de maneira a proteger essa ideia de dignidade humana coletiva, mesmo que, em nível individual, isso resulte em insatisfação. Portanto, o mal-estar torna-se latente na vida humana.

A conexão entre a literatura clariceana e os conflitos que permeiam a existência humana é evidente. Nesse sentido, a estetização desses conflitos vale-se de estratégias discursivas autorais, principalmente de uma relação dialética apoiada na utilização dos sentimentos de mal-estar e de epifania. É possível relacionar esses aspectos a partir da análise de contos, a qual permite analisar também em que medida a epifania gera o mal-estar ou que o mal-estar desperta a epifania, sem pretensão de definir o fenômeno, mas buscando conhecê-lo mais a fundo.

A escolha desse tema como foco deste estudo surge devido à admiração desta pesquisadora pela obra da escritora Clarice Lispector, com base na maneira como o contato com a sua obra fascina, afeta e move o leitor, mas principalmente pelo impacto em sua experiência pessoal ao ler a obra dessa autora.

O pesquisador Marcio Lima do Nascimento (2014) aponta que a arte pode desencadear a experiência de transcendência e compreensão profunda sobre algo. Essas experiências resultam em metamorfoses das personagens, em epifanias que andam lado a lado com o mal-estar nos contos analisados. Para essa análise, serão utilizadas as definições de *epifania*

propostas pelo romancista, contista e poeta irlandês James Joyce, na Literatura, e por Friedrich Wilhelm Nietzsche, na Filosofia.

Sendo assim, este artigo apresenta a leitura crítica e a análise de alguns contos da autora e algumas referências críticas sobre Clarice, seus contos, e sobre a temática do mal-estar referenciada em Freud, n’*O mal-estar na civilização*, e Bauman, n’*O mal-estar da pós-modernidade*. Relacionam-se, então, Literatura, Psicanálise e Filosofia.

1. Sobre a autora e os contos

Clarice Lispector nasceu em 10 de dezembro de 1920 na Ucrânia e veio morar no Brasil em 1922 com a família, que era judia, e chegou a este país fugindo da perseguição aos judeus. Ainda na infância, foi viver em Pernambuco e vivenciou o adoecimento e a morte de sua mãe. Em 1943 conseguiu sua nacionalidade brasileira e se considerava pernambucana, com muito orgulho. Em sua literatura, está presente o fator autobiográfico expressando o sentimento de estrangeira que a autora carregava, a experiência da doença e do falecimento de sua mãe, e as outras vivências de infância e fase adulta. Assim como a sua vida se faz presente em sua literatura, a realidade das personagens transforma-se em linguagem.

No tocante ao aspecto biográfico nos escritos e restringindo aos contos aqui analisados, em *O búfalo* é apresentada parte da história de uma mulher que não pôde realizar um amor da maneira que desejava. Clarice viveu experiência semelhante quando não pôde viver um amor, que depois culminou em uma amizade. Os biógrafos da autora, como Nádia Batella Gotlib (2013), indicam o amigo Lúcio Cardoso como o grande amor da vida de Clarice. Além desse aspecto biográfico, a autora escreveu uma literatura intimista e confessional, a narrativa é introspectiva. A escrita é fluida e promove o mergulho na interioridade das personagens e também dos leitores, aprofundando em si mesmos.

Os contos analisados fazem parte do livro *Clarice Lispector – Todos os Contos*, que foi organizado por Benjamin Moser, admirador e estudioso da vida de Clarice, que se propôs a reunir todos os contos da autora em um único livro. Os contos escolhidos para esta análise são “Amor”, que está localizado da página 145 à página 155; “O búfalo”, presente nas páginas 248 a 257; e “Perdoando Deus”, nas páginas 403 a 407.

Descrevendo brevemente os contos aqui analisados, o primeiro é *Amor* e narra o percurso de Ana em um bonde até que ela se depara com um homem cego mascando chiclete no ponto. Essa visão faz com que ela se sinta insultada, mesmo depois que o bonde seguiu viagem e “o cego mascando goma ficara atrás para sempre”. Esse acontecimento revolucionou

a vida de Ana e fez com que o estranhamento se instalasse nela. Passou a sentir piedade pelo cego, uma piedade tão grave que mudou tudo dentro e fora dela. A partir desse acontecimento – ver o cego mascar chiclete –, tudo foi transformado, e o coração de Ana “se enchera com a pior vontade de viver”.

O segundo conto é *O búfalo*, que narra a busca de uma mulher pelo próprio ódio. Essa mulher tinha um desejo profundo de aprender a odiar, e para isso ela foi ao Jardim Zoológico objetivando aprender com os animais a odiar, para direcionar esse sentimento contra o homem que não correspondeu ao seu amor como ela desejou. Ela encontrou vários animais e não alcançava o seu objetivo, mas ao se encontrar com o búfalo negro viveu o acontecimento “uma coisa incompreensível e quente”. E olhar nos olhos do búfalo entorpeceu a mulher e a fez perceber o ódio no olhar do búfalo, um ódio tranquilo.

O terceiro conto aqui analisado é *Perdoando Deus* e narra uma experiência gravemente desconfortável, quando uma mulher quase pisa em um enorme rato morto e fica “erçada pelo terror de viver”. Antes disso, a mulher estava caminhando pela avenida Copacabana sentindo-se satisfeita com a vida. Em menos de um segundo tudo se modificou ao avistar o animal, e a satisfação de antes deu lugar ao pânico, medo, espanto e pavor. A mulher passou a sentir-se insultada por Deus e decepcionada ao perceber sua própria vulnerabilidade. Como se ao quase pisar no rato morto ela também morresse, aquela versão dela, satisfeita e crente na sua construção da imagem de Deus como algo pacífico, morreu, e a ingenuidade dela foi destruída.

Nos contos analisados, as protagonistas são mulheres e as três se sentem insultadas, seja por Deus, por um cego mascarando chiclete ou por um homem que não correspondeu ao seu amor. As três personagens vivenciam experiências de profundo estranhamento e mal-estar. Passam a não se reconhecer, espantam-se e descobrem-se. E por vezes as sensações desagradáveis estão próximas das prazerosas, como se aquilo que incomoda fizesse parte do processo de autoconhecimento e autotransformação. É possível se entender melhor mergulhando nas próprias profundezas.

2. O mal-estar nos contos Amor, O búfalo e Perdoando Deus

Em *O mal-estar na civilização*, Sigmund Freud relaciona a infelicidade humana com as repressões sociais. Uma espécie de angústia deriva do movimento civilizatório, gerando o mal-estar nos membros das sociedades civilizadas, ou seja, esse movimento de domar as pulsões para garantir a convivência em sociedade pode gerar conflitos internos nos indivíduos, que tentam se equilibrar entre os seus instintos e o controle normatizador coletivo. Essas regras

estabelecidas pela família e pela sociedade despertam insatisfações, culpa, sofrimento e mal-estar. O objetivo dessa civilidade é manter a ordem e a harmonia, mas na prática desarmoniza a experiência humana. Os conflitos entre os desejos e as normas sociais já faziam parte da vida humana em sociedade mesmo antes da psicanálise se dedicar a analisá-los.

Zygmunt Bauman em *O mal-estar da pós-modernidade* aponta que o sentimento de desconforto é inseparável da vida humana na modernidade. Visto que, na civilização moderna, a liberdade e a segurança, que são os elementos necessários para a felicidade, não coexistem, isso gera uma organização social instável e assustadora para os seres humanos. Ao ganhar se perde, ao aderir à civilidade é necessário abrir mão da liberdade real, por isso na verdade o resultado é sempre a derrota. Com o marco histórico datado em 1930, a partir da publicação de Freud *O mal-estar na civilização*, a sociedade moderna passou a realizar o estudo de si própria. Por isso, nomear a civilização como moderna é um pleonasma, visto que é esta sociedade com essa conformação que realiza tal exercício de autorreflexão.

Para os dois autores, o mal-estar está diretamente relacionado com a vida em uma sociedade civilizada. Ambos os aspectos, mal-estar e epifania, podem ocorrer com qualquer pessoa, em qualquer lugar e momento, basta estar vivo. E esses dois acontecimentos ou sentimentos, podem ser despertados pela relação do indivíduo com a arte. A arte, assim como Clarice Lispector, não tem por objetivo explicar, solucionar os mistérios de maneira dogmática, mas sim gerar movimento, questionamentos, reflexões e sensações diversas no observador. Trata-se muito mais sobre sentir do que sobre entender ou esgotar possibilidades. Sensações essas que podem ser desconfortáveis, como é o foco abordado neste trabalho. Não é uma relação mecânica, os processos despertados pelo contato com a arte são individuais e únicos. Nos contos de Clarice aqui analisados, beleza, profundidade e estranhamento se entrecruzam, e possibilitam o diálogo com as ideias de mal-estar, como abordadas por Freud e Bauman.

Desde o período da infância, as pessoas aprendem que a existência tem por objeto central a satisfação de suas necessidades, o que gera um entendimento de que é sempre importante evitar acontecimentos e situações que produzam desprazer e frustração. É ensinado que estas necessidades devem ser satisfeitas imediatamente e o incômodo evitado ao máximo, porém situações que provocam reflexão e incomodam se apresentam para todos os seres humanos. É provável que o desejo diante das situações desagradáveis seja silenciar, abafar e fingir que não é real até desaparecerem, mas elas não desaparecem, pelo menos não definitivamente. Em algum momento o que está reprimido emerge, e esse conteúdo amordaçado em algum momento alcança a liberdade.

Nos contos de Clarice Lispector, que aqui são evidenciados, o aspecto do mal-estar se faz presente e é expresso na descrição dos sentimentos, sensações e reflexões das personagens que ao se depararem com os momentos epifânicos, se percebem em um lugar de insatisfação, estranhamento, espanto e vivenciam conflitos profundos com a própria existência e também com fatores externos que sejam significativos, ainda que antes essa percepção de mal-estar não fosse compreendida. Fatos que antes eram considerados banais e sem importância passam a ser chamativos, e é impossível não olhar para eles, sejam os olhos de um búfalo no zoológico, um enorme rato morto ou um cego mascarando chicletes.

O instinto de sobrevivência e de proteção pode ser quebrado, e de repente uma personagem pode se perceber desprotegida e em conflitos existenciais, questionando sua existência, sua identidade e as decisões tomadas durante a vida. Despertar e sentir-se estranha no próprio corpo, na própria vida. Não caber mais em si, seja porque está frouxo ou apertado demais. Ser convocada para olhar uma realidade que causa estranhamento, mas que não dá mais para evitar, não dá para calar o grito da epifania que se apresenta. E nesse momento o que pode ser feito é aceitar essa realidade e o que ela carrega consigo, encarar o que se apresenta mesmo diante do medo, raiva ou maravilhamento.

Na construção linguística do mal-estar nestes contos já citados, o aspecto é expresso pelas personagens e também pela linguagem. Clarice usa a linguagem de maneira a unir as personagens com as palavras intimamente, tanto que a palavra se apropria da personagem ou vice-versa. A construção linguística da autora transporta o leitor para uma caminhada que permite conhecer profundamente as personagens e a si próprio também. Percebe-se isso quando a mulher no conto *Amor* sentiu algo “como uma repulsa que precede a uma entrega”, e mais à frente no conto, “seu coração se enchera com a pior vontade de viver”. A novidade que se anuncia não permite fugas: tudo é grave e urgente.

Conforme apontam as pesquisadoras Alana Kercia Barros Demétrio e Maria Helenice Araújo Costa (2018), a construção linguística de Clarice é permeada pela metalinguagem. Em Clarice, filosofia e literatura se cruzam: os conteúdos são fortemente filosóficos e a forma que ela escolheu para traduzi-los foi por meio da palavra. A linguagem escrita é desenvolvida de maneira a conectar os leitores com a obra e se perceber nas histórias, sensações e sentimentos descritos, aproximando-se da realidade humana e dos sentimentos compartilhados por todos como angústia, medo, dor, amor, insatisfação, mal-estar.

3. A epifania nos contos *Amor*, *O búfalo* e *Perdoando Deus*

A epifania assemelha-se ao gênero literário “conto” pela duração de tempo ser mais breve. Mas embora breve na duração, o conto, em geral, é profundo nas descrições e por meio da leitura é possível embarcar na narrativa das personagens que demonstram algumas sensações e sentimentos, entre os quais o mal-estar que dialoga com os acontecimentos epifânicos. O escritor irlandês James Joyce estabeleceu a definição de “epifania” no campo da literatura, que é uma concepção para além da visão religiosa, a qual define epifania como uma manifestação divina que expressa a presença de Deus. A definição literária em relação à epifania refere-se a uma descoberta profunda que ultrapassa a superficialidade das aparências, com foco no instante em que se dá o acontecimento inédito e transformador. Embora esse acontecimento seja cotidiano, ele é tão potente que provoca uma compreensão intensa, profunda e que transforma as personagens que vivenciam essa experiência epifânica (NASCIMENTO, 2016).

O filósofo italiano Paolo D'Iorio (2014), pesquisando sobre a epifania na obra de Nietzsche, aponta que é um processo em nível individual que desperta um movimento cognitivo novo, gera uma novidade no pensar, entender e ser. Nos escritos nietzschianos, a epifania é apresentada também como elemento interpretativo que favorece o entendimento do texto filosófico, mas não com pretensões de captar ou expressar o sentido total de algo, assim como Clarice não desejava explicar nada em sua totalidade, com base na perspectiva de que elucidar algo esvazia a coisa de beleza e razão de existir. A epifania nietzschiana é fluida, se dá no movimento e reverbera gerando transformação, como evidenciado no conto *Amor* quando Ana vive uma epifania e a partir desse acontecimento, fica “prestes a rebentar uma revolução”.

Os conceitos de epifania aqui abordados expressam que não é objetivo primordial construir verdades absolutas e nem atingir qualquer tipo de iluminação divina, mas o fato é que tem relação com as diversas possibilidades de pensar, existir, sentir, agir e ser. A epifania pensada por Nietzsche (2011) é como uma catalisadora de mudanças racionais e cognitivas que gera formas novas de pensar o que quer que seja. A maioria das pessoas segue o “embalo” coletivo e não caminha na jornada de autotransformação, mas quem embarca nesta jornada ultrapassa alguma crise existencial e passa por uma metamorfose. A transformação é difícil, mas é indispensável para a experiência humana.

A pesquisadora Veronica Gurgel (2022) destaca a escrita como produtora de subjetividade por possibilitar o acesso aos acontecimentos que podem ocorrer com qualquer pessoa. A linguagem apresenta caráter produtor: além de representar a realidade, ela também produz realidades. A linguagem é criadora de subjetividades, e esse processo é contínuo, sendo

que por meio da língua é que ocorre a ordenação da realidade, ou seja, ela é capaz de representar o mundo. Assim como aponta a teoria de Saussure, a língua é um sistema de signos e unidades que se organizam a partir de determinadas regras. Pelo uso da linguagem, escrita ou não, os indivíduos concatenam, refletem e sintetizam ideias, sentimentos e entendimentos diversos.

4. Articulação entre mal-estar e da epifania nos contos *Amor*, *O búfalo* e *Perdoando Deus*

Os três contos em estudo estão repletos de frases e palavras que expressam o mal-estar vivenciado pelas personagens a partir da epifania. Como estratégia de organização e exposição dessa construção de linguagem foram elaborados dois quadros que expõem essas palavras e frases. O primeiro refere-se ao mal-estar, e o segundo à epifania; e ambos se dividem em palavras e frases para cada um dos contos.

Quadro 1 - Termos relacionados ao sentimento de mal-estar

Conto	Palavras	Frases
<i>Amor</i>	<ul style="list-style-type: none"> - importuno - inquietava-se - espanto - insultado - estranha - espantada - sujo - Horror, horror 	<ul style="list-style-type: none"> - “Alguma coisa intranquila estava sucedendo”. - “Mas o mal estava feito”. - “O mundo se tornara de novo um mal-estar”. - “Extremamente dolorosa”. - “Náusea doce”. - “Tudo era estranho, suave demais, grande demais”. - “Como uma repulsa que precede uma entrega”. - “Violenta como uma ânsia”. - “A vida era periclitante”. - “Amava com nojo”. - “A vida é horrível”. - “Tenho medo”. - “Seu coração se enchera com a pior vontade de viver”. - “A vida arrepiava- a, como um frio”.
<i>O búfalo</i>	<ul style="list-style-type: none"> - carnificina - doente - ódio - espanto - perturbada - dor 	<ul style="list-style-type: none"> - “Encontrar-se com o próprio ódio”. - “Desviou os olhos”. - “Ela que fora ao Jardim Zoológico para adoecer”. - “Aprender com eles a odiar”. - “Doce martírio”. - “O prazer percorreu suas costas até o mal-estar”. - “Enorme perplexidade”. - “Ela só teve espanto”. - “Estava fraca e difamada”. - “Lhe pareceu que ela estava enjaulada”. - “Vontade de matar”.

Quadro 1 - Termos relacionados ao sentimento de mal-estar (continuação)		
<i>Perdoando Deus</i>	<ul style="list-style-type: none"> - trêmula - perplexa - nua - esmagar - vulnerabilidade - raiva - brutalidade - ferido - escandalizasse 	<ul style="list-style-type: none"> - “Eriçada pelo terror de viver”. - “Estilhaçava-me toda em pânico”. - “O meu mais profundo grito”. - “Correndo de medo”. - “Cerrando violentamente os olhos, que não queriam mais ver”. - “Meu medo desmesurado de ratos”. - “O pavor que desde pequena me alucina e persegue”. - “A grosseria de Deus me feria e insultava-me. Deus era bruto”. - “Minha decepção era tão inconsolável”.

Fonte: elaboração da autora, 2022.

Quadro 2 - Termos relacionados ao sentimento de epifania

Conto	Palavras	Frases
<i>Amor</i>	<ul style="list-style-type: none"> - explodisse 	<ul style="list-style-type: none"> - “O mundo recomeçava ao redor”. - “Expulsa de seus próprios dias”. - “O que chamava de crise viera afinal”. - “Prestes a rebentar uma revolução”. - “Ela adormecia dentro de si”. - “E por um instante a vida sadia que levava até agora pareceu-lhe um modo moralmente louco de viver”.
<i>O búfalo</i>	<ul style="list-style-type: none"> - instante 	<ul style="list-style-type: none"> - “Parecia ter encontrado um súbito destino”. - “Recomeçou a enxergar”. - “Trouxeram-na a si mesma”. - “Uma coisa incompreensível e quente”. - “Entrando cada vez mais fundo dentro”. - “Coração que se surpreende”.
<i>Perdoando Deus</i>	<ul style="list-style-type: none"> - espantava-me - intimidade - segredos 	<ul style="list-style-type: none"> - “Em menos de um segundo”. - “Em mim é que ele não estava mais”. - “Eu me imaginava mais forte”. - “É porque ainda não sou eu mesma”. - “Jamais me habituarei a mim”.

Fonte: elaboração da autora, 2022.

A linguagem escolhida por Clarice tem o propósito de revelar os sentimentos das personagens e acaba por construir uma atmosfera imersiva que faz o leitor entender a narrativa e vivenciar, em alguma medida, os sentimentos da personagem, visto que estes são sentimentos compartilhados, em geral, pelos seres humanos. Na passagem em que a mulher quase pisa em

um rato morto, em *Perdoando Deus*, é possível perceber e até sentir a mudança no estado da personagem que antes andava pela rua achando-se livre e satisfeita, mas, ao deparar-se com o rato, passa a viver uma experiência desconfortável. A sensação de desconforto emanada pelos contos pode ser entendida através das palavras “espanto”, “brutalidade”, “espantada”, “estranha”, “perturbada”, “perplexa” e “horror”. Tal acontecimento lhe causou “terror de viver”, retirou a sensação de equilíbrio, e a mulher passou a sentir pavor e pânico, justamente porque emergiu um “medo desmesurado” que a personagem trazia em si.

Ao estudar sobre o estranho, Freud destaca que o denominado “estranho” é na realidade aquilo que foi rejeitado pelo indivíduo e emerge, causando o sentimento de espanto e perturbação. Um fato que seja extremamente desconfortável é recalçado e mesmo que contra a vontade em algum momento ele retorne e resulte em um mal-estar generalizado e, na continuidade da negação, numa tentativa de afastamento ou silenciamento desse algo que é assustador, “como uma repulsa que precede uma entrega”.

Na situação descrita em *O búfalo*, na qual a personagem vai “ao Jardim Zoológico para adoecer”, o mal-estar que ela estava vivenciando, por não ter sido correspondida de maneira recíproca no amor romântico, pode ser expresso pelas palavras “raiva”, “ódio”, “carnificina”, “vulnerabilidade”, “doente”, “ferido”, “sujo”, “dor”, “insultado”. A mulher estava “fraca e difamada” e desejava “aprender a odiar para não morrer de amor”, uma espécie de instinto de sobrevivência que foi ativado depois que a personagem adentrou numa experiência profundamente frustrante. Ela percorreu o zoológico “rodeada pelas jaulas, enjaulada” e mesmo desejando a carnificina, logo de cara deparou-se com o amor. Isso vem ao encontro do mal-estar em Freud, quando a ação civilizatória gera repressão dos instintos humanos e resulta em conflitos internos, assim como na personagem que desejava dar vazão a sua pulsão de agressividade aqui caracterizada como o ódio. Num desejo de destruir a frustração em ser uma “fêmea rejeitada”, ela não queria ter uma atitude civilizada e perdoar, queria ser puro instinto sem recalque e aprender a odiar, se livrar dessa jaula civilizatória.

Nos contos analisados, o sentimento de epifania é transmitido pelas palavras “explodisse”, “instante”, “segredo” e “intimidade”, entre outras. As personagens deparam-se com os acontecimentos que antes pareciam ordinários, mas que a partir desse fatídico momento passam a ser graves, algo que não é possível afastar o olhar e que reverbera em transformações íntimas. A zona de conforto é transgredida “em menos de um minuto” e depois disso “o mundo recomeçava ao redor”. Depois de vivenciar a epifania, as personagens não são mais as mesmas, ainda que não saibam quem são, sabem que mudaram: “jamais me habituarei a mim”.

No conto *Amor*, a atmosfera de epifania é expressa por Ana, que estava em uma viagem no bonde com suas compras e foi “expulsa de seus próprios dias”. Um acontecimento transformou a sua existência: ao visualizar um homem cego mascarando chiclete, assim como os ovos que carregara, alguma coisa dentro dela também se quebrou. E “o que chamava de crise viera afinal”, a experiência rompeu certezas, fragmentou Ana, que passou a questionar-se “e por um instante a vida sadia que levava até agora pareceu-lhe um modo moralmente louco de viver”. Rememorando a definição literária de “epifania” proposta por Joyce e relacionando-a à narrativa, esse instante que promove alguma descoberta profunda é transformador. Cabe aqui dar enfoque ao fato de se tratar de um instante, algo que embora seja breve em sua duração é fulminante, uma flecha certa e objetiva.

No desenvolver do conto, Ana vive a tal crise que lhe causou um prazer intenso, os estímulos recebidos por seus sentidos passam a ser mais agudos e vigorosos, a zona de conforto da civilidade e dos limites impostos pela sociedade foi transgredida e Ana passou a viver uma espécie de pureza das sensações, como se tudo em seu mundo tivesse sido desnudado das normas e máscaras civilizatórias. A vida se mostrou crua. Fazendo uma ponte com o pensamento nietzschiano sobre a epifania, Ana passou por uma experiência íntima e individual que a transformou, mudou o seu modo de sentir e possivelmente de existir.

A linguagem usada por Clarice é inovadora, e assim como a narrativa, foge do tradicional, traduz o estado sentimental das personagens e rompe o enredo factual. É uma literatura que se aproxima do leitor e não é hermética; pelo contrário, o leitor mergulha no texto e em si, compreendendo profundamente os contos e também aspectos de sua própria existência. A escritora afirmou na entrevista mais famosa de sua vida (LISPECTOR, 1977), e que foi realizada pouco tempo antes de seu falecimento, que sua escrita é simples e que ela não complicava. O enredo se desenvolve em meio ao fluxo de consciência que aprofunda nos aspectos psicológicos e emocionais das personagens. E nos enredos epifânicos algo que antes era classificado como banal desencadeia vários sentimentos e uma nova visão de si e do mundo.

O mal-estar e a epifania desempenham uma relação dialética. Nos contos *Amor* e *Perdoando Deus*, as personagens seguiam com suas vidas em uma espécie de zona de conforto, estando, em certa medida, satisfeitas ou conformadas com sua realidade; e foi a epifania que desencadeou o sentimento de mal-estar. Já no conto *O búfalo*, parece que o mal-estar já estava com a mulher e foi desencadeado pela rejeição sofrida. Mas quando a epifania acontece no contato com o búfalo negro, “o primeiro instante foi de dor” e ela experimentou um novo mal-estar. Pela leitura e análise dos contos, fica aparente uma relação de causalidade em que o

acontecimento epifânico desencadeia o sentimento de mal-estar. Ainda que anteriormente as personagens estivessem satisfeitas ou não com sua existência, conformadas ou até mesmo alegres, depois de vivenciar esse instante transformador, a sensação de desconforto e espanto se faz presente.

A psicóloga e doutora em Teoria Literária Yudith Rosenbaum (2006) aponta que “Clarice convoca um olhar crítico atento aos meandros mais sutis de um pensamento que vibra intensamente na linguagem” (p. 19). A construção das subjetividades, a expressão do mal-estar, o perigo da estagnação e todos os estados sentimentais das personagens são sinalizados por meio da linguagem verbal. Clarice não almejava revelar verdades, pelo contrário, flertava com o mistério, e mesmo assim, por meio da palavra literária, deu vida e voz a personagens que vivenciam experiências de profunda autoconsciência. Essas personagens passam por uma fragmentação em que certezas e confortos são destruídos, e os leitores também experimentam tais sensações por meio da leitura do texto, que é eficiente em mostrar o mal-estar despudoradamente.

Considerações finais

A mentalidade civilizatória tem início a partir do Iluminismo, dando cabo à racionalização e afastando-se do foco religioso. Dá-se luz à ideia de que todos podem ser quem são e essa vida ideal se daria por meio da civilidade. Só que, por outro lado, a civilidade faz com que o indivíduo viva em certa medida de repressão; embora exista uma alusão ao individualismo e à autonomia, a liberdade é controlada. Sempre haverá mal-estar na existência das pessoas porque as pulsões não podem ser totalmente satisfeitas da maneira que é desejada, para garantir a integridade coletiva.

O mal-estar muda de acordo com cada época e com a sociedade que se observa. Na pós-modernidade fica explícita a relação de interdependência entre os membros de uma sociedade, e por isso é importante descobrir as melhores maneiras de se conviver. É natural ao ser humano desejar dominar a natureza e aquilo que é externo, mas para a convivência em sociedade é essencial criar estratégias que possibilitem uma vida digna para todos, se é que isso é possível em alguma estrutura social.

A leitura dos contos de Clarice Lispector é capaz de provocar crises, rupturas, gera mudanças e transformação íntima. A partir da epifania, tudo começa a desmoronar (rato, cego, búfalo), e a vida acomodada se rompe, assemelhando-se à ideia de Nietzsche de que as transformações são necessárias e inevitáveis e que embora esse seja um processo desafiador e

incômodo, é também fundamental: “Tens de querer queimar em tua própria chama: como te renovarias, se antes não te tornasses cinzas?” (p. 62). Por meio da leitura dos contos é perceptível que as personagens são retiradas da estagnação e inseridas em uma zona de incertezas, e é a partir dessa crise que a transformação se desenrola.

Clarice mostra a vida como uma estranha, como quem está de fora, mostra aquilo que está encoberto e silenciado, indo além do conformismo e do conforto. Em contrapartida, a vida está posta de maneira que a pessoa tenta se proteger, e isso posterga a vivência da experiência existencial profunda. A maioria das pessoas faz uma barganha em troca da segurança, entregando a própria intensidade das emoções em troca da segurança e da civilidade. E nisso o ser humano se conforma com a vida como é apresentada e acaba perdendo a vitalidade, o entusiasmo e a capacidade de criatividade.

O ser humano moderno encontra-se fragmentado e em meio a esse conflito entre desempenhar uma vida vibrante e ardente, ou ser civilizado e resignado. As personagens clariceanas revelam essa crise do ser humano contemporâneo e podem ser relacionadas ao que Bauman afirma ao pensar a sociedade contemporânea como inseparável do sentimento de mal-estar.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Trad. de Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

CAMARGO, Selma de Abreu; FERREIRA, Nádia Paulo. O estranho na obra de Sigmund Freud e no ensino de Jacques Lacan. *Trivium: Estudos Interdisciplinares*, ano XII, n. 1, p. 81-94, 2020.

DEMÉTRIO, Alana Kercia Barros; COSTA, Maria Helenice Araújo. Linguagem, representação e recursão no discurso metalinguístico de Clarice Lispector. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão - SC, v. 18, n. 2, p. 323-339, 2018.

D’IORIO, Paolo. *Nietzsche na Itália: a viagem que mudou os rumos da filosofia*. Trad. de Joana Angélica d’Avila Melo. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

FIORIN, José Luiz. *Introdução à linguística*. São Paulo: Contexto, 2010.

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Penguin Classics; Companhia das Letras, 2011.

GURGEL, Veronica. Linguística e produção de subjetividade: relações esboçadas. *Fractal: Revista de Psicologia*, Niterói, v. 34, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/1984-0292/2022/v34/5771>. Acesso em: 11 ago. 2022.

GOTLIB, Nádía Battella. *Clarice: uma vida que se conta*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

LISPECTOR, Clarice. *Clarice Lispector – Todos os contos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

LISPECTOR, Clarice. A última entrevista de Clarice Lispector. *Panorama*. TV Cultura: São Paulo, dez. 1977. Entrevista concedida a Júlio Lerner. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ohHP112EVnU>. Acesso em: 10 ago. 2022.

NASCIMENTO, Érick Teodósio do Nascimento. *A ascensão da epifania em contos modernos e contemporâneos*. Dissertação (Mestrado em Literatura) –Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

NASCIMENTO, Marcio Lima do. *Do mal-estar em Freud ao mal-estar em Bauman*. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

PENNA, João Camillo. O nu de Clarice Lispector. *Alea*, v. 12, n. 1, p. 68-96, 2010.